

Trilhas Lúdicas para a formação continuada de professores: o sensível presente no trabalho dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal

Playful paths for the continuing education of teachers: the sensitive present in the work of the Playful Experiences Centers - Pedagogical Workshops of the Federal District

 Cristina Leite *
Simone Moura **

Recebido em: 28 set. 2021
Aprovado em: 17 nov. 2021

Resumo: Este artigo apresenta reflexões erigidas a partir do desenvolvimento do projeto de formação continuada: “Oficinas Pedagógicas nas escolas: trilhas lúdicas para aulas remotas”, oferecido aos professores-cursistas de todo o DF durante o ano de 2020 (em virtude da pandemia). O projeto foi ministrado nas 14 Coordenações Regionais de Ensino, atendendo, ao todo, 9.855 participantes, de 385 escolas diferentes, evidenciando o caráter de trabalho em rede, colaborativo e cooperativo que emana do coletivo dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas do DF. A formação teve por objetivo “apresentar sugestões práticas e reflexões teóricas que estimulem aulas mais interativas, lúdicas e criativas através de encontros virtuais nas escolas, durante as coordenações pedagógicas coletivas, em tempos de ensino remoto”. Sendo a experiência estética algo recorrente nos cursos presenciais oferecidos pelos CVLOPs, seria possível vivenciar tais experiências mediadas pelas telas? Seria viável? Como fazer essa transposição? O presente texto busca apresentar algumas respostas a esses questionamentos que nos afetaram, enquanto professores-formadores, durante o planejamento da ação. Ao todo, foram elaboradas dez oficinas diferentes atendendo a etapas de ensino diversificadas. Cada unidade escolar, por meio de sua equipe gestora, pôde realizar um agendamento prévio, de acordo com a escolha do tema. Foi elaborada uma avaliação no Google Formulário, a qual foi preenchida por cerca de 4.400 respondentes e forneceu dados para esta análise, além de poder subsidiar futuras ações de formação. Para enriquecimento da discussão, traçaremos diálogo com o Currículo em Movimento da SEEDF (DISTRITO FEDERAL, 2018a, 2018b) e autores como Huizinga (2000), D’Ávila (2014), Fortuna (2019), Vigotski (2001).

Palavras-chave: Ludicidade. Ensino Remoto. Oficinas Pedagógicas. Trilhas Lúdicas. Formação continuada.

Abstract: This article presents reflections erected from the development of the continuing education project: “Pedagogical Workshops in Schools: Playful Trails for Remote Clases”, offered to course-teachers throughout the Federal District during 2020 (due to the pandemic). The project was taught in 14 Regional Teaching Coordinations, serving a total of 9,855 participants from 385 different schools, evidencing the nature of network, collaborative and cooperative work from the collective of the Ludic Experience Centers - Pedagogical Workshops of the Federal District. The training aimed to “present practical suggestions and theoretical reflections that encourage more interactive, playful and creative classes through virtual meetings in schools, during collective pedagogical coordination, in times of remote teaching”. As the aesthetic experience is something recurrent in the face-to-face courses offered by CVLOPs, would it be possible to experience such experiences mediated by the screens? Would it be feasible? How to make this transposition? This text seeks to present some answers to these questions that affected us, as teacher-trainers, during action planning. Altogether, ten different workshops were created for different stages of teaching. Each school unit, through its management team, can make a prior appointment, according to the choice of topic. An evaluation was prepared in Google Forms, which was completed by about 4,400 respondents and provided data for this analysis, in addition to being able to support future training actions. To enrich the discussion, we will dialogue with SEEDF’s Curriculum (FEDERAL DISTRICT, 2018a, 2018b), Huizinga (2000), D’Ávila (2014), Fortuna (2019), Vigotski (2001).

Keywords: Playfulness. Remote Teaching. Pedagogical Workshops. Playful Trails.

* Cristina Aparecida Leite é doutoranda em Artes Cênicas (UnB), mestra em Artes Cênicas (UnB), graduada em Letras (UCB) e em Dança (IFB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Atua nos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas do Distrito Federal. Contato: cristinaleite@edu.se.df.gov.br

** Simone Moura Gonçalves de Lima é mestra em Educação (UnB), graduada em História (UnB), especialista em ensino de História com ênfase no Ensino Médio e em Coordenação Pedagógica (UnB). Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. Atua na formação continuada de professores, sendo professora-formadora dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas. Contato: simone.moura1@edu.se.df.gov.br

Introdução: abrindo as trilhas

*“Esperança viva
Que a mão alcança
Vem com teu passo firme
E rosto de criança
A maldade já vimos demais...”*
(Contos da lua vaga – Márcio Borges e Beto Guedes)

O presente texto apresenta reflexões sobre um trabalho que surgiu a partir da necessidade imposta pela crise sanitária do novo coronavírus. Como professoras-formadoras dos Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas do DF¹ (CVLOPs), vimo-nos em uma situação delicada frente ao decreto de suspensão de atendimentos presenciais em toda a rede de ensino. À época, estávamos a uma semana do início dos cursos presenciais, com várias turmas tendo as vagas totalmente preenchidas pelo processo de inscrição que há pouco havia encerrado.

Os Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas são espaços descentralizados de formação continuada de profissionais da Educação, existentes no DF desde 1986. Atualmente, cada Coordenação Regional de Ensino (CRE) possui seu próprio CVLOP, totalizando 14 unidades. Durante os 35 anos de existência, os CVLOPs desenvolveram uma metodologia própria para suas ações de formação, em que várias características se fazem presentes, como: ludicidade, trabalho coletivo colaborativo; pesquisa contínua; interdisciplinaridade; andragogia; aprendizagem vivencial; educação do sensível; afetividade; fomento à criação/criatividade. As propostas são permeadas por várias linguagens artísticas, como a música, o teatro de bonecos, a poesia, a contação de histórias, favorecendo que experiências estéticas ocorram durante os momentos formativos, o que oferece maior significado às propostas.

Os CVLOPs apresentam como elemento central de suas proposições a ludicidade, a qual se caracteriza pela inteireza em que os sujeitos se encontram diante da realização de determinada atividade (LUCKÉSI, 2014), sendo uma necessidade do ser humano, podendo ser percebida como recurso viável ao processo educativo, uma vez que o desenvolvimento do aspecto lúdico nas atividades escolares facilita a aprendizagem (SANTOS *apud* ALBUQUERQUE, 2016, p. 29). Por outro lado, a ludicidade precisa ser compreendida enquanto fenômeno histórico e cultural, porque cada sujeito se encontra inserido em um contexto. Trata-se, portanto, de um fenômeno dialético, sendo uma necessidade vital, subjetiva, individual, e, ao mesmo tempo, cumprindo uma função significante e cultural (HUIZINGA, 2000).

Vale considerar que o Currículo em Movimento da SEEDF (DISTRITO FEDERAL, 2018a) apresenta, entre

seus eixos estruturantes, a Ludicidade. Historicamente, os CVLOPs foram se constituindo como referência, dentro da rede de ensino, no desenvolvimento de propostas de ações de formação continuada dentro dessa perspectiva. O reconhecimento de que a Ludicidade precisa permear o trabalho de organização pedagógica dos professores e das professoras oferece a dimensão da importância dessa abordagem na elaboração dos cursos e oficinas temáticas promovidos pelos CVLOPs. O interesse de se propiciar melhor articulação teórico-prática contribuiu para a construção de percursos formativos que conduzem os professores e as professoras a reflexões para além dos aspectos de sua organização pedagógica, do seu ensino. O entendimento de que a Ludicidade faz parte da essência humana, que tem a ver com a atitude dos sujeitos diante da vida, das relações com os outros e com os elementos da sua cultura, abre aos professores-cursistas oportunidades de reflexões sobre suas concepções, de como se constituíram suas escolhas pessoais e profissionais, algo que abordagens teorizantes não conseguem dar conta. As vivências lúdicas e artísticas, o compartilhar de experiências e a proposição permanente de exercícios criativos permitem aos professores e às professoras a experimentação de possibilidades pedagógicas permeadas de humor, sensibilidade e empatia. Vivenciar experiências assim encoraja os professores e as professoras a buscarem essas possibilidades em seus planejamentos pedagógicos e em suas interações com os estudantes.

Enquanto princípio do trabalho docente (D'ÁVILA, 2014), a ludicidade vai proporcionar um clima de liberdade, de curiosidade, de criatividade, de envolvimento. A escolha por atividades lúdicas impulsiona ações desencadeadoras da aprendizagem, entendida como um processo que não ocorre apenas no nível mental. Para D'Ávila, a dimensão lúdica coloca a linguagem artística “para dentro da sala de aula” (2014, p. 96), permitindo que os processos de aprendizagem integrem à dimensão cognitiva, as capacidades humanas do sentir e do fazer.

Dessa forma, outra característica que se faz presente durante as formações é a educação do sensível. Entendendo, à luz dos princípios vigotskianos (2001), que “nenhuma forma de conduta é tão sólida como a ligada à emoção”, busca-se, por meio de várias linguagens artísticas, como a música, a poesia, a contação de histórias ativar o emocional do professor e da professora durante as formações, pois conforme postula Vigotski:

Se desejarem provocar no aluno as formas necessárias de comportamento, sempre devem se preocupar com que essas reações provoquem uma marca emocional nele [...]. Se quisermos que os alunos recordem melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado

de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indifferente. Cada vez que comunicarem algo ao aluno tentem afetar seu sentimento (VIGOTSKI, 2001, p 121).

Um ambiente mais afetivo e de liberdade estimula, pois, o interesse, promove a curiosidade e o envolvimento e dá sentido ao que está sendo apresentado para os estudantes. Melhora a interação entre eles e com a professora e o professor. Este é o ambiente propício para a aprendizagem ocorrer. Torna-se importante a sensibilização para uma educação em que o lado emocional seja considerado pela escola. Afinal, precisamos considerar que o ser humano possui outras dimensões, além da cognitiva. Egressos de uma educação escolar que centrou suas propostas apenas nos saberes intelectivos, a formação continuada se apresenta como uma possibilidade de restaurar lacunas da formação inicial, bem como apresentar outras perspectivas e possibilidades de atuação, especialmente com propostas permeadas pelas linguagens artísticas, pois, como defende Duarte Júnior (1994, p. 16): “Uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é, então, a arte, e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética”. Quando somos tomados pela experiência estética, damos vazão aos sentimentos, tantas vezes silenciados pela escola que nos formou.

Neste sentido, entende-se como função da formação continuada estar comprometida com o desenvolvimento pessoal, profissional e também de transformação social dos profissionais da educação. Assim, ações de formação, baseadas em propostas lúdicas e artísticas, podem oferecer aos participantes possibilidades de se constituírem como protagonistas do processo educativo, conforme defendido pelas Diretrizes de Formação Continuada da Secretaria de Estado de Educação do DF (DISTRITO FEDERAL, 2018c). Vale ressaltar ainda que o Currículo em Movimento da Secretaria de Estado de Educação do DF traz em seus pressupostos teóricos a necessidade de “articular os conteúdos aos aspectos socioculturais, históricos, afetivos, lúdicos e motores em consonância com uma práxis direcionada para uma escola de qualidade social, que democratize saberes ao oportunizar que todos aprendam (DISTRITO FEDERAL, 2018a, Caderno II, p. 10), ação também consonante com a Pedagogia Histórico-Crítica e a Teoria Histórico-Cultural. Portanto, para além da *formação*, é salutar a *trans*-formação. Assim, as propostas vivenciais têm a potência de promover *trans*-formações tanto em nível pessoal quanto profissional entre os participantes, algo facilmente verificável pelos instrumentos de avaliação dos cursos e oficinas ministrados ao longo da trajetória de mais de três décadas.

A orientação da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE), a partir de

junho de 2020, foi adequar os cursos para 100% online e lançá-los na rede para os professores e para as professoras. Entretanto, estes já estavam vivendo um processo intenso de formações rápidas para conhecerem e usarem a plataforma do ensino remoto, além de uma agenda intensa de *lives*. Os estudantes seriam recebidos na plataforma digital da rede pública de ensino a partir do mês seguinte, em julho. Os professores e as professoras estavam ansiosos e com muitas inseguranças.

Além disso, havia, entre os professores-formadores dos CVLOPs, muitas dúvidas sobre como adequar totalmente à linguagem virtual seus cursos que têm, em sua concepção, muitas vivências coletivas, em que as mãos se juntam em rodas e cirandas e produções concretas coletivas, em que as músicas e as brincadeiras revelam vínculos, interações e cumplicidade entre as pessoas. A ideia de que oferecer remotamente cursos com essas características seria uma agressão aos seus princípios, nos moveu a buscar outras possibilidades de atendimento.

Foi neste contexto de incertezas que a ideia de se elaborar encontros virtuais reunindo os professores e as professoras da mesma escola surgiu. A experiência anterior de oferta de Oficinas Temáticas, em formato menor que os cursos, pareceu mais adequada para o momento em que docentes estavam em processo de intensificação do trabalho e que enfrentariam muitos desafios, individuais e coletivos, para encontrarem melhores condições de contato com seus estudantes, em um ambiente desconhecido para a maioria.

Havia, entre os professores-formadores dos CVLOPs, a preocupação em se elaborar ações de formação mais interativas. *Lives* e *podcasts* sobre temas relacionados ao ensino remoto e suas possibilidades, o melhor uso de recursos digitais etc., foram escolhas possíveis para aquele momento. Entretanto, tais suportes colocavam os professores e as professoras apenas como espectadores, como receptores de informações. Porém, o entendimento coletivo dos professores-formadores era de que os professores-cursistas precisavam experimentar vivências que promovessem maior interação com seus estudantes. Vivências que os ajudassem a buscar caminhos novos e a manterem sua autonomia. Escolhas metodológicas e de atividades que fossem possíveis para estudantes e famílias confinados em suas casas. Por isso, reuniões menores, por meio da plataforma *Google Meet*, foram mais adequadas ao momento e aos objetivos propostos.

Era um período de se repensar o trabalho de formação a partir de uma realidade diferente do que já se tinha experimentado. Para um grupo que sempre buscou desafiar-se para experimentar ideias e coisas novas, tendo a imaginação, a ludicidade, as linguagens artísticas, a criatividade como elementos constantes do seu trabalho, a imensidão daquele desafio de se reconstruir

as bases dos processos de formação continuada, apesar de assustador, foi enfrentado.

1. Caminhando nas trilhas

Antes da pandemia e do ensino remoto, os professores-formadores recebiam em seus espaços de trabalho os professores-cursistas e outros servidores interessados em participarem de suas ações formativas. Ocorreu, então, uma inversão no atendimento que os CVLOPs costumavam realizar. O projeto, denominado “Oficinas Pedagógicas nas Escolas: Trilhas lúdicas para aulas remotas”, elaborado como resposta à urgente necessidade dos professores e das professoras em planejarem aulas remotas interessantes, criativas e interativas, conduziu os professores-formadores a visitar virtualmente os grupos de professores-cursistas em suas reuniões de coordenação pedagógica coletiva, às quartas-feiras.

Assim, a cada semana, as equipes de professores-formadores passaram a percorrer as escolas de todas as Coordenações Regionais de Ensino (CREs), conhecendo gestores, professores, coordenadores, orientadores e outros, habituados a estarem reunidos em coordenação. Sendo este encontro, no momento da formação, um efetivo espaço para as aprendizagens docentes. Uma experiência que demonstrou a importância de se fortalecer as coordenações pedagógicas coletivas enquanto espaços privilegiados de formação, colocando as questões relativas às aprendizagens efetivamente como o foco principal dos diálogos. Além disso, a experiência evidenciou claramente que é na força do trabalho coletivo que a escola pode caminhar na direção de concretizar seus propósitos pedagógicos e sociais.

As equipes de professores-formadores elaboraram dez trilhas lúdicas, com temas diferentes e para etapas de ensino específicas, a fim de percorrerem as escolas. As escolhas se aproximaram da formação e maior experiência de atuação dos professores-formadores. A urgência do projeto “Trilhas lúdicas” chegar às escolas conduziu esse processo de escolha dos temas. O processo de elaboração das Oficinas Temáticas envolveu a articulação dos temas ao currículo da SEEDF (DISTRITO FEDERAL, 2018a) em um movimento que deu muito sentido para as escolhas das atividades a serem desenvolvidas com os professores-cursistas.

Pesquisar os conteúdos e os objetivos de aprendizagem orientou bem as escolhas para os roteiros do vídeo e da parte síncrona do encontro formativo, além de oferecer maior objetividade ao preenchimento das propostas das Oficinas Temáticas, definindo objetivo central, objetivos específicos, justificativa, etc. Assim, colegas de diferentes Coordenações Regionais de Ensino se articularam, formando equipes a partir dos campos de interesse e de maior domínio conceitual. O trabalho

agora seria para toda a rede de ensino, não mais para as específicas Regionais de Ensino. A ação seria para o melhor atendimento de todas as escolas da rede de ensino que demonstrassem interesse pelas Oficinas Temáticas que estavam em elaboração.

Na concepção do projeto “Trilhas lúdicas”, optou-se por uma estrutura que envolvesse uma parte do tema desenvolvido em vídeo e outra com a interação entre professores-formadores e participantes. Ter um vídeo já pronto poderia minimizar algumas dificuldades de conexão com a internet, além de o vídeo se constituir como um instrumento ou um registro da experiência de formação para a posteridade². Mas elaborar um vídeo não fazia parte das vivências da maioria dos professores-formadores. Conversar com uma câmera de vídeo não parecia algo natural para a maior parte do grupo. Não foi fácil. Nós não tínhamos um local preparado acusticamente ou com iluminação adequada. Estávamos na mesma situação dos professores e das professoras: em casa, com a família, com os *pets*, com os carros de som passando na rua, buscando lugares melhor iluminados, horários mais silenciosos para gravarmos nossos vídeos. Essas dificuldades para o trabalho sensibilizaram o grupo de professores-formadores no contato subsequente com os professores-cursistas. Percebeu-se a proximidade nas dificuldades e nos desafios do trabalho. A empatia permitiu que se construíssem vínculos naqueles momentos de encontro e de interações com os professores-cursistas. Os professores-formadores foram percebendo que, para além de oportunizarem sugestões e possibilidades metodológicas, eles estavam ali, juntos com aqueles grupos, para ouvir e compreender a dimensão daquela experiência para todos.

O percurso até chegar remotamente às escolas foi maior do que o imaginado. Mas, tudo foi construído coletivamente. Fizemos muitas reuniões para pensar em um roteiro com os temas que seriam desenvolvidos no vídeo, os recursos que poderíamos utilizar, sempre trocando ideias e encorajando uns aos outros para enfrentar o desafio sem perder a alegria pelo trabalho.

Às vezes, passávamos horas para produzir alguns breves minutos de vídeo. Haja paciência para errar uma vez no começo, depois acertar o começo, mas errar outra parte, num vai-e-vem que nos fazia perceber que produzir um vídeo interessante, leve e proveitoso para os professores e para as professoras levaria mais tempo do que o planejado. A boa notícia é que fizemos a travessia. Entre nós surgiram editores habilidosos e criativos, que buscaram essas aprendizagens adicionais e as compartilharam. Curiosos e criativos, fomos experimentando sem medo diferentes recursos de edição. De um instante a outro, deixamos de usar mídias para enriquecer as aulas para sermos as próprias mídias. E, para preservar as características que temos no atendimento

presencial, era importante criar a atmosfera lúdica. Assim, várias características estéticas dos vídeos foram pensadas coletivamente, como o cenário, figurino, atitudes, combinação de cores...

Na expectativa de que os vídeos tivessem a melhor qualidade possível, foi instituída, entre os professores-formadores, uma comissão que ficou com a incumbência de avaliar os vídeos produzidos, antes de o trabalho com os professores-cursistas começar. Eram anotadas questões a serem repensadas, re-gravadas, em nível técnico, estético e também de conteúdo. Tudo com bastante cuidado para que a formação possuísse a melhor qualidade que o momento permitia ter. Após as inscrições das escolas no sistema, era hora de a formação chegar aos grupos de professores-cursistas, que foram certificados após a formação. Atender ao coletivo da escola de uma única vez foi um diferencial significativo durante o projeto, pois atender um professor inscrito em um curso individualmente é muito diferente de estar debatendo e trocando experiências e sugestões com todo o grupo escolar.

2. Entendendo as trilhas

O projeto foi executado de setembro de 2020 até janeiro de 2021, às quartas-feiras, com encontros via *Google Meet* no momento de coordenação coletiva dos professores, intercalando-se momentos gravados com interações ao vivo. Na sequência, apresentamos os nomes das Oficinas oferecidas bem como o quantitativo de participantes e escolas atendidas (Tabela 1).

Esses números vultosos chamam a atenção e entendemos ter sido uma oportunidade única de divulgação dos CVLOPs, espaço de formação continuada no DF que existe há 35 anos na rede. Para avaliação do projeto, foi criado um formulário no *Google Forms*, em que havia questões gerais e questões específicas de cada Oficina Temática. Dentre as questões gerais, vamos destacar a pergunta: "Você já conhecia o trabalho das Oficinas Pedagógicas do DF? (Gráfico 1)

Como se pode observar, a parte amarela e verde, juntas, representam 43% dos respondentes que já conheciam a Oficina Pedagógica, por terem feito algum curso presencial, ao passo que 57% não conheciam. Apenas a partir da formação remota é que tiveram algum contato. Isso sinaliza que o coletivo dos CVLOPs precisa investir ainda mais na divulgação de seus cursos e ações de formação. De fato, a experiência do projeto Trilhas Lúdicas contribuiu para ampliar a divulgação desse trabalho junto às escolas e aos profissionais de ensino, uma vez que os encontros virtuais ocorriam durante as coordenações pedagógicas coletivas, incluindo o grupo docente, a equipe gestora, orientadores e outros profissionais de apoio pedagógico. Naturalmente, havia uma aproximação entre professores-formadores e os colegas cursistas, permitindo que houvesse maior divulgação do trabalho e convite para novas oportunidades de encontros formativos, especialmente quando voltarem os atendimentos presenciais. Certamente, foi uma oportunidade ímpar de apresentar o trabalho dos CVLOPs e seu objetivo central de defesa da Ludicidade como princípio para o trabalho docente, embora precisemos de reconhecer que ainda necessitamos caminhar mais para fazer com que esse trabalho seja conhecido por mais profissionais da rede.

Outra questão de destaque diz respeito ao local da atuação do professor, cujo resultado pode ser visto no Gráfico 2, pelo qual é possível perceber que a formação conseguiu alcançar profissionais de todas as Coordenações Regionais de Ensino, havendo maior quantidade de participantes na Regional do Plano Piloto e menor em São Sebastião, Guará e Taguatinga. São dados relevantes porque indicam as Coordenações Regionais em que precisa ser feito um trabalho de maior divulgação das ações de formação propostas pelos CVLOPs.

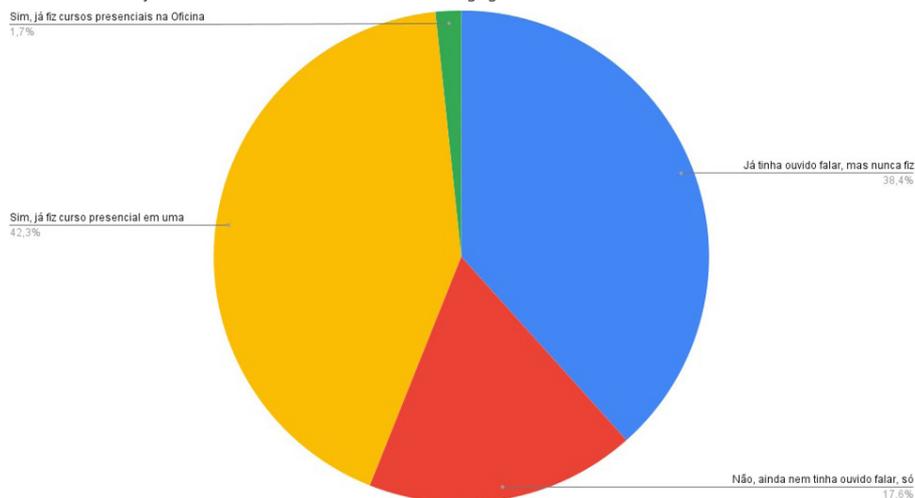
A última questão que trataremos diz respeito ao levantamento de interesse dos temas para futuras ações de formação a serem propostas pelos CVLOPs, partindo do pressuposto de que são ações permeadas pelos princípios da Ludicidade (Gráfico 3).

Tabela 1 - Oficinas temáticas e quantitativo de professores e escolas participantes

OFICINA TEMÁTICA		Quantidade de professores	Quantidade de escolas
1	A importância dos brincos e acalantos para os pequeninos (Creche e Ed. Infantil)	992	51
2	Adaptação de materiais didáticos: a criatividade no Ensino Especial (Educação Básica)	1207	40
3	Atividades pedagógicas lúdicas para autistas na educação infantil em tempos de ensino remoto	1247	57
4	Construção da identidade: nome e suas memórias (Anos Iniciais e Anos Finais)	1104	37
5	Experiências sonoro-musicais para a educação infantil	650	29
6	Jogos, brincadeiras e materiais para a alfabetização (Educação Infantil e BIA)	1611	53
7	Práticas pedagógicas antirracistas: jogos e brincadeiras (Anos Finais)	1032	37
8	Contos de sabedoria: uma proposta para os anos finais e EJA	163	6
9	Leituras e tecnologias: caminhos criativos para a produção de vídeos.	990	31
10	Vivências criativas para práticas iniciais de leitura	859	43
TOTAL		9.855	384

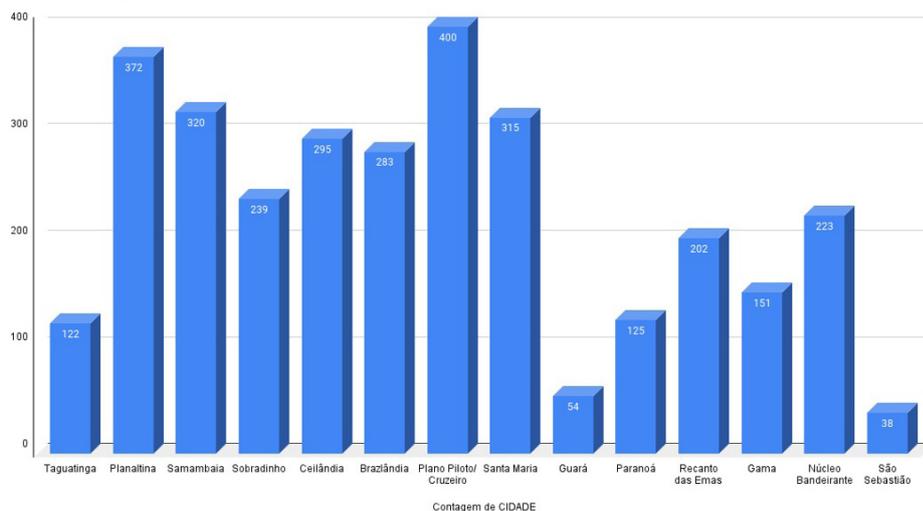
Fonte: elaborada pelas autoras a partir dos dados coletados no Google Formulários respondido pelos cursistas.

Gráfico 1 - Você já conhecia o trabalho das Oficinas Pedagógicas?



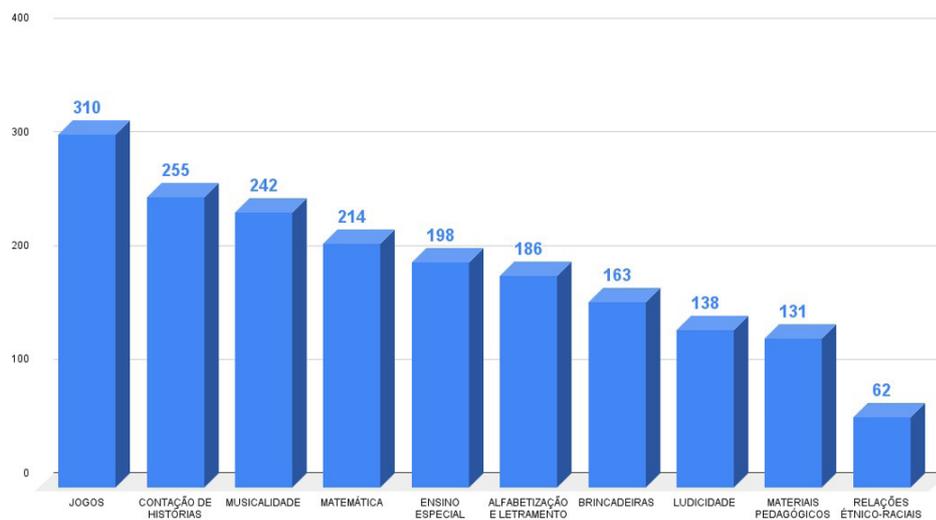
Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados coletados no Google Formulários

Gráfico 2 - Regionais de Ensino dos participantes



Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados coletados no Google Formulários

Gráfico 3 - Temas de interesse para futuras ações de formação



Fonte: elaborado pelas autoras a partir dos dados coletados no Google Formulários

Foram vários os temas sugeridos pelos participantes, mas apresentamos os dez que tiveram maior ocorrência, nesta ordem: Jogos, Contação de histórias, Musicalidade, Matemática, Ensino Especial, Alfabetização e Letramento, Brincadeiras, Ludicidade, Confecção de Materiais Pedagógicos e Relações Étnico-raciais. Por ter sido uma questão aberta, todos os professores-formadores se empenharam na tabulação desses dados, que servem para nortear as futuras ações de formação do coletivo dos CVLOPs. Esses temas apresentados informaram ao grupo de professores-formadores que muitos de seus cursos já contemplavam as sugestões, o que permitiu um planejamento de novas ações formativas para o ano subsequente, de 2021, ainda mais ajustado aos campos de interesse dos professores da rede. O levantamento desses dados oportunizou ao grupo a reformulação de temas já desenvolvidos, já conhecidos, permitindo maiores aprofundamentos teóricos e metodológicos e melhor adaptados à realidade atual de ensino híbrido.

A avaliação ainda deixou um espaço para manifestações diversas a respeito do percurso. Na sequência, apresentaremos algumas das inúmeras reflexões apresentadas na avaliação das Oficinas Temáticas. A identidade dos respondentes será preservada, mas indicaremos a qual oficina se refere a reflexão destacada:

Como estamos passando por um momento de desafio no trabalho remoto, temos enfrentado diversas situações novas e desafiadoras, por outro lado, temos vivido oportunidades ímpares. Uma delas é nos reunirmos virtualmente com colegas da nossa Regional, das proximidades e de todos os cantos do DF. Sendo assim, deixo aqui o pedido de “quero mais”. Agradecemos a maestria, a disposição, o acolhimento tão afetuoso antes, durante e depois da oficina. (Vivências criativas para práticas iniciais de leitura).

É certo que o novo modelo de atendimento permite que encontros impensáveis aconteçam, como a/o respondente menciona: colegas de todos os cantos do DF estarem juntos em uma formação é um exemplo. No entanto, estando cada um enclausurado em seu quadrado, não se permite sentir, de fato, a qualidade da presença no momento formativo. Jamais conseguiremos aferir se, de fato, os quase dez mil professores atendidos na formação tiraram o melhor proveito que poderiam. Mas essa preocupação não cabe a nós. Na formação continuada, cada professor e professora tem autonomia para fazer suas escolhas, especialmente em um momento tão diferente como foi aquele que começamos a vivenciar em 2020. Vale destacar ainda, conforme já foi mencionado, que os professores-formadores, por meio de uma postura de empatia, puderam reconhecer e deixar transparecer que estávamos todos juntos em uma situação desafiadora, buscando caminhos que pudessem auxiliar os professores-cursistas em sua prática pedagógica, num trabalho de criatividade e pesquisa. Pela fala da pessoa respondente, pode-se perceber que o objetivo de deixar a formação com o acolhimento que é feito no atendimento presencial estava sendo alcançado.

A formação foi incrível! O vídeo produzido pelas formadoras e pelo formador foi riquíssimo em termos de elementos estéticos! Para além disso, as informações foram transmitidas de maneira acessível, com engajamento social e trazendo a potência da ludicidade. Estão de parabéns! Saí da oficina muito motivada e encorajada a seguir na luta antirracista! (Práticas Pedagógicas antirracistas).

Pelo relato do/a respondente, é possível notar que a preocupação com as questões estéticas do vídeo tinha tido resultado positivo, associado às informações transmitidas de forma acessível, sendo capazes de motivar e encorajar os participantes na defesa da causa apresentada.

Parabéns, professoras! Muito bom o trabalho de vocês. Agradeço pela contribuição em tempos de distanciamento social me senti bem próxima de vocês. Talvez pelo estilo de trabalho com a ludicidade e por acreditar que a criança precisa ser encantada para aprender com alegria (Vivências criativas para práticas iniciais de leitura).

Como se pode perceber pelo relato, todo o esforço

dos professores-formadores dos CVLOPs na busca de atender aos professores-cursistas preservando algumas características do trabalho feito presencialmente, como o acolhimento e a escuta sensível, estava sendo possível de ser transposto para o modelo remoto, algo que nos surpreendia em todo o processo. Foi possível notar, então, que, mesmo atravessados por uma tela, era concebível promover experiências significativas durante o momento de formação continuada. No presencial, sabemos que é possível “contagiar” o outro a partir das vivências lúdicas e artísticas e, para nossa surpresa, isso também podia acontecer no atendimento remoto. Todo esse feedback positivo fazia crescer o ânimo entre nós, professores-formadores, para chegarmos com as Trilhas Lúdicas a mais e mais escolas.

Tânia Fortuna é uma autora que defende a importância da intencionalidade do professor em desenvolver um trabalho em perspectiva lúdica. Em sua pesquisa, ela buscou histórias formativas de oito professores em relação ao brincar para compreender como se dá a brincadeira em suas práticas. Na busca por uma pedagogia lúdica, a autora desenvolveu uma bela metáfora: a de um amplo arco, em que o professor deve deslizar entre suas extremidades, tal como a criança, em sua plena alegria, pode deslizar de um escorregador. Para Fortuna (2019), “em uma das extremidades figura a construção e a utilização de jogos e na outra ponta o que poderia ser chamado de uma atitude lúdica, que se estende à vida” (2019, p.3). Se de um lado estão os recursos lúdicos que o professor poderá lançar mão em suas interações com seus estudantes, do outro, precisa existir sua atitude lúdica, que se constrói em suas vivências pessoais e profissionais, o que se buscou transpor também para o atendimento remoto.

Todas as Oficinas Temáticas do projeto Trilhas Lúdicas chegaram aos profissionais das escolas nessa perspectiva, um convite a vivenciarem possibilidades para além dos conteúdos propostos, mas como experiências capazes de provocarem esse movimento, o da atitude lúdica entre os participantes, estimulando a curiosidade, o bom humor, o desafio, o encantamento, a mediação afetuosa e positiva. A participação ativa e a comunicação permanente entre os participantes foram demonstrando e encorajando todos a elaborarem atividades mais criativas com os estudantes. A linguagem artística sempre presente, através de atividades musicais, corporais e de construção de objetos pedagógicos lúdicos despertavam a sensibilidade e as emoções durante os encontros. Em um contexto pandêmico tão difícil e sombrio, esses encontros se tornaram momentos especiais de afeto, de encorajamento mútuo e de empatia entre professores-formadores e professores-cursistas.

Considerações finais: usufruindo as trilhas

O projeto: “Oficinas Pedagógicas nas escolas: trilhas lúdicas para aulas remotas” trouxe muita aprendizagem a quem dele participou. Foi possível transpor muitas barreiras e adquirir novos saberes importantes para o novo cenário que ora se apresenta para a educação brasileira. As aulas remotas passam a ser uma possibilidade de atendimento e foi possível verificar que, sim, é possível preparar encontros leves, permeados de ludicidade e de encantamento, ainda que atravessados pelas telas, uma possibilidade quase impensável no início da pandemia, mas que a experiência comprovou ser concebível. Por meio de um trabalho coletivo de pesquisa e partilha, foi possível alcançar resultados positivos. No entanto, por motivos técnicos e administrativos (dificuldade no processo de inscrição, principalmente), o projeto não pôde continuar em 2021, mas serviu como inspiração para tantas outras propostas, inclusive de outros núcleos da própria Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais de Educação (EAPE).

Voltar nossa atenção para a experiência de formação continuada construída pelos professores-formadores dos CVLOPs em 2020 é um exercício de prazer, orgulho e gratidão. Prazer em se experimentar algo novo, diferente do que já havia sido feito em termos de formação junto aos professores da rede pública de ensino. Orgulho porque a proposta foi elaborada coletivamente a partir de uma boa ideia e, a cada semana, ao chegar às escolas, ia conquistando os colegas e dando maior segurança aos formadores. Gratidão porque representou muitas aprendizagens para quem vivenciou a experiência e ajudou a visualizar o quanto os CVLOPs sabem encontrar caminhos

criativos para momentos de dificuldades, em que respostas positivas se tornam essenciais.

As “Trilhas Lúdicas” proporcionaram a experiência de reunir, para um mesmo planejamento de ação formativa, professores-formadores de diferentes Coordenações Regionais de Ensino. A comunicação remota transpôs as fronteiras geográficas para os cursistas e para os próprios colegas formadores. O projeto trouxe um ganho inesperado: aumentou o vínculo entre as pessoas, apresentou a oportunidade de vivenciar o encontro entre colegas que já se admiravam trazendo para um convívio regular, semanal, em espaços (virtuais) comuns de trabalho. Houve grande partilha, troca de experiências, ricas aprendizagens, oportunidades de encontro entre formadores veteranos e novatos. Trilhas novas que dependiam de coragem e ousadia para serem abertas. E foram abertas! Quem as construiu já sabia trabalhar coletivamente, já acreditava uns nos outros e experimentava novas possibilidades sob as bases da Ludicidade. Os Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas souberam usufruir dessas trilhas e seguem, experimentando maneiras novas e simples, criativas e alegres, belas e sensíveis, inspirando seus colegas a continuarem seu bom trabalho pela educação de nossas crianças e jovens. Apesar de tudo.

As trilhas alcançaram outras fronteiras. Em um outro nível de interação e de qualidade do trabalho, esse grupo de professores-formadores se fortaleceu e está amparado pelos bons resultados. Essa gente continua inventando coisas novas, assim como inventou um novo jeito de realizar seu trabalho. Nem sabemos se poderemos fazer tal como fizemos antes. Parece mesmo é que essas novas trilhas vieram para ficar e indicam percursos interessantes e frutíferos para os desafios novos e antigos que a educação apresenta para todos nós. ■

Notas

¹ Tais espaços são mais conhecidos como “Oficinas Pedagógicas”. A nomenclatura: Centros de Vivências Lúdicas - Oficinas Pedagógicas (CVLOPs) passou a ser utilizada a partir da Portaria nº 388, de 29 de novembro de 2018 e seu emprego ainda está em vias de adaptação.

² Os vídeos das oficinas oferecidas encontram-se disponíveis em: https://www.youtube.com/channel/UCc005tMn1hW7Cm_2uqqpX9Q

Referências

ALBUQUERQUE, Claudia Coelho Bomtempo. **Preparados para a atuação docente?** Compreensão dos futuros educadores sobre ludicidade. Curitiba: Appris, 2016.

D’ÁVILA, Cristina Maria. Didática lúdica: saberes pedagógicos e ludicidade no contexto da educação superior. **Revista entreideias**, Salvador, v.3, n.2, p. 87-100, jul./dez. 2014.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação Básica**: pressupostos teóricos. Brasília, 2018a. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/1_pressupostos_teóricos.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento da Educação**

Básica: Educação Infantil. Brasília, 2018b. Disponível em: http://www.cre.se.df.gov.br/ascom/documentos/subeb/cur_mov/1_pressupostos_teoricos.pdf. Acesso em: 18 jul. 2021.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Diretrizes de Formação Continuada** (2018c). Disponível em: <http://www.educacao.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2018/02/Diretrizes-de-Forma%-c3%a7%c3%a3o-Continuada05fev19.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2021.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Fundamentos estéticos da educação**. SP: Papirus, 1994.

FORTUNA, Tânia R. **Em busca da pedagógica lúdica:** como brincam os professores que brincam em suas práticas pedagógicas? Revista eletrônica Ludus Scientiae, Foz do Iguaçu, v.3, n.1, p.1-19, jan./jul. 2019.

HUIZINGA, Joan. **Homo Ludens**. São Paulo: Perspectiva, 2000.

LUCKÉSI, Cipriano. Ludicidade e formação do educador. **Revista Entreldeias**, Bahia, v. 3, p. 13-23, jul./dez. 2014.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **Psicologia Pedagógica**. Edição comentada. São Paulo: Artmed Editora, 2001.